

Candeias de Barro

OSHO

Candeias de Barro

*60 parábolas sobre o nosso corpo mortal
e a chama imortal da consciência*

Tradução de:
Margarida Filipe

Pergaminho

A música do mar

Contaram-me uma história:

Há milhares de anos, o mar engoliu uma cidade onde existiam muitos templos dedicados aos deuses.

Os sinos desses templos submersos continuam a tocar. Talvez sejam as marés que os fazem tocar, talvez continuem a tocar porque os peixes roçam neles quando nadam por ali. Seja qual for o motivo, os sinos tocam até hoje e até hoje é possível escutar da costa a sua doce sinfonia.

Eu também queria ouvir esta música, por isso parti em busca daquela praia. Depois de deambular durante vários anos, encontrei-a por fim. Mas tudo o que consegui ouvir foi o ruidoso tumulto do mar. O som das ondas a rebentar nas rochas ecoava uma e outra vez naquele lugar ermo, e não se ouvia música nem os sinos dos templos tocavam. Continuei a prestar atenção, mas da costa não era possível escutar nada, à exceção da rebentação das ondas.

Mesmo assim, ali fiquei à espera. Na verdade, tinha-me esquecido do caminho de regresso e agora aquela praia, desconhecida e vazia, parecia destinada a testemunhar o fim da minha vida. Passado pouco tempo, até aquela ideia de ouvir os sinos se esvaiu. Instalei-me confortavelmente na praia.

Até que, certa noite, escutei subitamente os sinos daqueles templos submersos a tocarem e a sua doce música começou a encher a minha vida de alegria.

Ao ouvir a música, acordei do meu sono, e desde então nunca mais fui capaz de voltar a dormir. Agora existe dentro

de mim alguém constantemente acordado, o sono desapareceu para sempre e a minha vida encheu-se de luz – porque onde não há sono, não há escuridão.

E sou feliz. Na verdade, tornei-me a felicidade em pessoa, porque como pode existir tristeza se a música do templo de Deus se faz ouvir?

Também deseja ir até àquela praia? Também quer ouvir a música daqueles templos submersos? Então partamos, dirijamo-nos dentro de nós mesmos. O coração é o mar, e nas suas profundezas encontra-se a cidade dos templos submersos.

Mas somente aqueles que estão calmos e alerta a todos os níveis é que serão capazes de escutar a música desses templos. Como poderia essa música fazer-se ouvir se existir o ruído dos conflitos do pensamento e do desejo? Até mesmo o desejo de ouvir esta música se torna um obstáculo para a descobrir.

A vida tal como a fazemos

Numa noite escura, estava a olhar para as estrelas no céu. Toda a cidade dormia e eu sentia uma enorme compaixão para com aquelas almas adormecidas: após um dia de trabalho, aqueles pobres sujeitos estavam provavelmente a sonhar com a concretização dos seus desejos ainda não realizados. Nos seus sonhos viviam e nos seus sonhos dormiam. Não viam nem o sol nem a lua nem as estrelas. Na verdade, os olhos que veem os sonhos não conseguem ver o que efetivamente existe. É absolutamente crucial que o pó dos sonhos desapareça antes que a verdade possa ser encarada.

À medida que a escuridão da noite se aprofundava, o número de estrelas no céu aumentava. Gradualmente, todo o céu se encheu da sua luz cintilante. E não apenas o céu – eu também estava repleto da sua beleza silenciosa.

Não estará o céu da alma cheio de estrelas quando as vê no céu? A verdade é que o homem enche-se daquilo que vê. A pessoa que vê o que é pequeno, fica cheia de mesquinhez; aquela que vê o que é grande, fica cheia dessa grandiosidade. Os nossos olhos são a porta para a alma.

Estava sentado encostado a uma árvore, completamente absorvido pelo céu, quando alguém, vindo de trás, pousou a sua mão fria e morta sobre o meu ombro. Conseguia também ouvir o som dos seus passos. Não se tratava dos sons produzidos por um ser vivo e a sua mão estava tão sem vida que mesmo na escuridão não tardei a compreender o pensamento por detrás daqueles olhos. Até os ventos da sua mente me tinham chegado

através daquele contacto com o seu corpo. Aquele indivíduo estava vivo, era jovem, mas a vida abandonara-o há muito, e talvez a jovialidade nunca tenha querido nada com ele.

Ficámos ambos sentados sob as estrelas. Segurei com as minhas as suas mãos sem vida para que pudessem ficar um pouco mais quentes e o calor da minha vida também pudesse fluir para a vida dele. Ele estava só, mas talvez o amor o pudesse trazer de volta à vida.

Indubitavelmente, não era uma boa altura para falar, por isso mantive-me calado. Por vezes o coração encontra proximidade no silêncio e as feridas que as palavras não conseguem fechar ficam curadas – o silêncio também consegue curá-las. As palavras e os sons são um distúrbio e um obstáculo à compreensão da música na sua plenitude.

A noite estava calma e tranquila. A música silenciosa cativou-nos a ambos. Ele deixara de ser um desconhecido para mim; eu estava lá, dentro dele. Foi então que deixou de estar imóvel como uma estátua e as suas lágrimas fizeram-me saber que estava a desabar. Ele chorava, e todo o seu corpo tremia. As correntes daquilo que estava em prantos no seu coração tocavam todos os nervos do seu corpo. Ele continuou a chorar, a chorar, a chorar, e depois disse:

– Quero morrer. Sou extremamente pobre e sinto-me extremamente desapontado. Não tenho absolutamente nada.

Permaneci em silêncio por algum tempo e depois disse-lhe, lentamente, que me tinha lembrado de uma história...

Um jovem disse a um místico:

– A existência levou-me tudo o que tinha. Não tenho outra escolha senão a morte.

Perguntei-lhe se ele não seria aquele jovem.

O místico disse ao jovem:

– Vejo um grande tesouro escondido dentro de ti. Achas que podes vendê-lo? Se o venderes, ganharás tudo e também estarás a salvar a existência de ganhar uma má reputação.

Perguntei-lhe uma vez mais se ele não era aquele mesmo jovem. Não poderia afirmar com certeza absoluta, mas eu era o místico da história e parecia-me que ela se estava a repetir.

O jovem da história ficou surpreendido.

E se calhar o jovem com quem eu estava a falar também estava a começar a ficar surpreendido.

– Um tesouro? Mas se eu não tenho dinheiro nenhum!
– retorquiu o jovem.

Então o místico começou a rir-se e disse:

– Vem. Vamos falar com o rei. Ele é muito esperto. Está sempre de olho nos tesouros secretos. De certeza que vai querer comprar o teu. Já lhe apresentei muitos vendedores de tesouros secretos.

O jovem não compreendia. Tudo o que o místico estava a dizer era confuso para ele. Mas, mesmo assim, partiu com o místico para o palácio real.

No caminho, o místico anunciou:

– Há algumas coisas que devem ficar bem claras desde já para que depois não haja discórdias à frente do rei. O rei é o tipo de pessoa que não recusa nada se for algo de que goste, custe o que custar. Por isso, convém saber se estás preparado para vender estas coisas ou não.

– Que tesouro? Que coisas? – perguntou o jovem.

– Os teus olhos, por exemplo. Quanto vais cobrar por eles? Consigo levar o rei a pagar-te no máximo cinquenta mil rupias por eles. Achas suficiente? E o teu coração e a tua mente? É possível que recebas até cem mil rupias por cada – explicou o místico.

O jovem estava estupefacto; achava que aquele místico era louco. Perguntou-lhe:

– Enlouqueceste? Olhos? Coração? Mente? Do que é que estás a falar? Não os posso vender por preço algum. E não apenas eu... ninguém os pode vender.

O místico desatou a rir e disse:

– Eu enlouqueci ou tu é que enlouqueceste? Tendo tantas coisas valiosas que não podes vender nem mesmo por milhares

de rupias, porque finges ser pobre? Usa-as. A arca do tesouro não utilizado está vazia mesmo que se encontre cheia e a arca do tesouro que é utilizado está cheia mesmo que esteja vazia. A existência dá-nos tesouros, imensos, mas precisamos de ser nós a procurá-los e a desenterrá-los. Não há riqueza maior do que a vida em si e uma pessoa que nem sequer seja capaz de ver riqueza nela não a encontrará em mais nenhum lugar.

Passava da meia-noite. Levantei-me e disse ao jovem:

– Vai, vai dormir, e amanhã acordarás um outro homem. A vida é o que fazemos dela. É a nossa própria criação. Podemos torná-la algo morto, ou podemos torná-la eterna: a escolha é nossa. E não depende de mais ninguém a não ser de nós próprios. E a morte chega naturalmente; não há por que a convidar.

Chame a vida. Chame o conhecimento. Só através de trabalho árduo, esforço, determinação e empenho constante poderá obtê-lo.